

Escola adota rodízio para driblar a falta de professor

Em outro colégio da rede pública estadual os alunos precisam se revezar porque faltam cadeiras nas salas de aula

Daniela Matta

• Kaleb Costa Borges, de 9 anos, está aprendendo uma difícil lição este ano na escola. Está aprendendo a dividir. Dividir a professora com outras turmas do colégio estadual onde estuda em Niterói, o Fernando Magalhães. Traduzindo para o português da rede pública de ensino isso significa que cada dia um grupo de crianças vai para a escola. O outro fica em casa. O rodízio foi a única saída encontrada pela direção do colégio para driblar a falta de professores e não deixar nenhum aluno totalmente sem aula. Assim como Kaleb, outras 200 mil crianças matriculadas em escolas do Estado, segundo o Sindicato Estadual dos Profissionais de Ensino (Sepe), estão sem aula ou com o ensino prejudicado pela carência de 11 mil professores.

— Fico impaciente em casa. Gosto muito de vir para a escola porque aqui tem um monte de coisas boas para fazer. A gente estuda, brinca — afirma Kaleb.

Matemática para dividir três professores por seis turmas

Na data marcada para o início do ano letivo, a diretora Renilce Caldas Cabral tinha de resolver uma questão de matemática aparentemente insolúvel: tinha três professores para seis turmas. Sem saber que critérios usar para decidir quais crianças ficariam em casa e quais iriam estudar, Renilce acabou optando pelo rodízio. Algumas turmas vão à escola nas terças e quintas, enquanto as outras vão nas segundas, quartas e sextas-feiras.

— Eu conversei muito com os pais dos alunos e esta foi a única saída que encontramos. Ela prejudica menos as crianças — afirma Renilce, que espera acabar



ALUNOS DA ESCOLA Leopoldo Fróes, em Niterói, fazem uma manifestação contra a falta de professores e pedindo o início das aulas do ano letivo

com esta dança de cadeiras assim que o Estado começar a contratar novos professores.

Dança de cadeiras, mesmo, estão fazendo os alunos do Colégio Estadual Vicente Jannuzzi, na Barra da Tijuca. Lá, o rodízio foi adotado não por falta de professores. Os alunos estão tendo de ficar em casa alguns dias por semana simplesmente porque não têm onde se sentar. Faltam cadeiras. Das 31 turmas de Segundo Grau da esco-

la, duas perdem a aula a cada dia para dar lugar aos outros colegas. Uma aluna chegou até a sugerir que as crianças assistissem as aulas sentadas no chão. A direção do colégio, no entanto, não aceitou a proposta e aguarda a chegada de 150 cadeiras.

— Esta situação me revolta. Com falta de professor a gente já está até acostumado, mas deixar de ir à escola porque não tem onde sentar é demais — afirma a se-

cretária Maria do Rosário Souza da Rocha, mãe de uma aluna da 2ª série do Segundo Grau.

Alguns colégios, no entanto, não estão tendo nem como dar um jeitinho, tamanha é a falta de professores. A Leopoldo Fróes, em Niterói, é um exemplo. Tudo que Edson de Souza, de 9 anos, aprendeu este ano é que nem sempre início do ano letivo é sinônimo de volta às aulas. Ele tem enfrentado a mesma rotina desde

o último dia 3. Todas as manhãs confere o material escolar, pendura a mochila nas costas e segue com a mãe para a escola. Não chega, no entanto, à sala de aula. A turma de Edson, na 3ª série, ainda está sem professor.

— Esta situação é muito triste. Tenho medo em pensar como vai ser o futuro dele — afirma Maria Souza, mãe do aluno.

A turma de Edson não é a única que sofre com a falta de professo-

res. Só a Leopoldo Fróes está com uma carência de 35 professores. A esperança da diretora da escola, Mônica Balardjischvili, é a contratação dos novos professores aprovada na última terça-feira pela Assembleia Legislativa. Esta medida, no entanto, não reduz a tristeza de Mônica. Tristeza que vem se transformando em revolta a cada ano letivo que passa.

— Todos os anos esta situação se repete. O aluno vem com vontade de entrar na sala e de estudar. Chega aqui e encontra o caos. Já começamos o ano errado — afirma Mônica.

Colégio tem carência de mais de 50 professores

Em algumas escolas a situação é ainda mais grave. O Colégio Estadual Rio Branco, por exemplo, começou o ano letivo com uma carência de mais de 50 professores. Com alguns ajustes — inclusive a dupla regência — este número baixou para 20. Mesmo assim, muitos dos 2,2 mil alunos da Rio Branco continuam voltando para casa mais cedo, sem assistirem as aulas de várias matérias.

— É desestimulante começar o ano letivo desta maneira — afirma o diretor da Rio Branco, Odilon da Cunha.

Até a semana passada, o secretário estadual de Educação, Fernando Pinto, não sabia dizer quantos alunos matriculados em escolas do município estão sem aula deste o início do ano. Também não sabe precisar quantos professores deverão ser contratados. Garante, no entanto, que todos os 1 milhão 250 mil alunos da rede estadual estarão tendo aulas normalmente dentro de uma semana.

— Nenhum aluno será prejudicado. A educação é um compromisso de todos nós — afirma.

Guto Costa